

«Cabe-nos a todos demonstrar, por uma prática política consequente, que temos capacidade para consolidar a democracia política e o pluralismo das ideias defendidas em plena liberdade».

RAMALHO EANES
na recente alocução
ao País

A Voz do ALGARVE

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 6\$00)

N.º 698

ANO XXVI

26/10/78

Composição e Impressão
«GRAFICA EDITORA»
Av. João Ferreira de Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria de Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes de Costa
Telef. 6 26 35 LOULÉ



Pontificação do Papa João Paulo II quebra tradição de quatro séculos

Em resultado da breve eleição do Conclave, ascendeu à cátedra de Pedro, no passado dia 16, o novo Papa João Paulo II, de origem polaca, que ante o assombro e alegrias gerais, quebrou uma velha tradição que remonta a quase cinco séculos de existência.

Com efeito, o cardeal Karol Wojtyła, arcebispo de Cracóvia (Polónia) foi escolhido pelo Sacro Colégio para novo Pastor Supremo da Igreja Católica, o que face à tradição romana constituiu uma inesperada novidade, (há muito sem precedentes), que só terá explicação através da vivência espiritual renovadora encetada

pelo Concílio Ecuménico Vaticano II.

Quando milhares de fiéis, amontoados na Praça de S. Pedro ouviram pela primeira vez pronunciar o seu nome indagaram: «Mas quem é?» («ma chi é?») foi esta a sua primeira reacção, logo seguida por uníssonos aplausos e aclamações.

Tem valor de testemunho fidedigno o depoimento do cardeal Wyszyński, primaz da Polónia: «Tem o optimismo dum cristão forte e a simplicidade dum filho dessa nação que tem o hábito de dizer «sim» apenas a Deus, à Igreja de Cristo e a sua Mãe».

João Paulo II, é filho dum operário (continua na pág. 2)

Homens e Ideias

Por: MANEL DE QUERENÇA

Se não estivessemos habituados aos esbirros do sr. dr. Mário Soares desde os seus tempos de exílio dourado e teatral, numa comédia digna de Molière, teríamos agora ficado profundamente chocados com as declarações espetaculares, que o Secretário Geral do Partido Socialista fez, não só durante a sua recente estadia em Estocolmo, como ainda quando regressou a Lisboa, à Imprensa portuguesa. Na capital da Suécia, Mário Soares declarou em síntese: «Não pude continuar a governar em Portugal, porque os fascistas e a reacção não me deixaram». E, como a justificar o bem fundado das suas afirmações, citou algumas frases de Willy Brandt. O interessante é que, dias depois, o chefe socialista alemão, afirmava em Lisboa o contrário.

Tendo criado desde jovem o hábito de ganhar o pão com o suor do rosto, conhecido as durezas de um exílio real, o que nunca foi caso do dr. Mário Soares, é claro que não podemos receber lições de democra-

cia seja de quem for. E por isso nos encontramos perfeitamente à vontade para criticar os actos de certos indivíduos que para os quais, democratas só são eles. É esse o caso do dr. Mário Soares.

Anárquico por temperamento e formação, o nosso partido foi e continuará a ser sempre o Homem e de preferência, o homem que não tem lugar na vida. Se outras provas não existissem para justificar toda a nossa actuação, bastam as largas centenas de artigos publicados na Imprensa portuguesa e outros que (continua na pág. 5)

TABACO ALGARVIO

para manipulação de cigarros

Que saibamos já dois conceituados jornais desta meridional província, com merecido destaque, se reportaram ao tabaco produzido a título experimental, dentro do seu perímetro agrário: o «Bailavento», de Portimão e o «Correio do Sul», de Faro.

Foi, portanto, através destes dois órgãos de comunicação regional, que tivemos conhecimento da experiência encetada que parece fadada a vingar, já que o meio ecológico (subtropical) do Algarve favorece a cultura de plantas tropicais desde que convenientemente tratadas.

Segundo os referidos jornais, a cultura do tabaco processa-se realmente a sério, «em plena serra algarvia, pelo menos em dois talhões, junto à E. N. 264», nas proximidades de S. Bartolomeu de Messines e de S. Marcos da Serra.

A orientação tem pertencido ao engenheiro-agrônomo Soares Al-

bergaria, contando e iniciativa com o patrocínio da «Tabaqueira».

Como é compreensível, a exploração expedita e atilada das potencialidades agrícolas do solo (continua na pág. 5)

Novos Vice-Chefe do EMGFA e Chefe do Estado-Maior da Armada

O Presidente da República, por proposta do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas e depois de ouvido o Conselho da Revolução, decidiu nomear para o cargo de Vice-Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas o Almirante Augusto Souto Silva Cruz e para o de Chefe do Estado-Maior da Armada o Vice-Almirante António Egídio de Sousa Leitão, dos quais tomaram posse em 12 e 9 de Outubro, respectivamente.

MAU-GOSTO BOM-GOSTO E POESIA

Falar por falar ou por «dá cá aquela palha», segundo dizem os economistas dos vagares, melhor será fazer colheites, já que o tempo está cada vez mais caro.

A afirmativa é, claro está, relativa, tanto quanto são variáveis os tempos que cada um dispõe e como os aproveita.

Há, portanto, quem não pense assim tão rigorosa e calculista. Muitos modos há de falar, inclusive o de «pensar alto» ou de «monologar para o papel», o que equivale, neste caso, a escrever em prosa ou em verso. De comum, seja através da fala ou da escrita, está como denominador comum a palavra (fonética ou signo representativo consoante os casos).

É verdade que isto de fazer poesia não é para todos e por

certo não se concede que só pelo facto de se alinhavarem versos, uns após outros, se faz poesia.

Com efeito, pode haver poesia sem versos, assim como podem haver versos sem poesia. Deste (continua na pág. 5)

Aplicação da Lei das Bases da Reforma Agrária

O Ministério da Agricultura e Pescas, através da Secretaria de Estado da Estruturação Agrária, divulgou em 9 de Outubro a seguinte Nota Oficial:

«Algumas forças políticas e grupos de pressão têm tentado fazer crer à opinião pública que a actual equipa governamental do MAP não teria poderes para entregar reservas na zona de intervenção da Reforma Agrária.

O MAP considera impensável que, num Estado de Direito, a aplicação da Lei possa ser objecto de dúvida. Aplicar uma Lei vigente há mais de um ano, que foi legitimamente aprovada pela Assembleia da República é tarefa irrecusável de qualquer executivo, mesmo quando limitado à gestão corrente.

Por isso, o MAP enquanto estiver em funções prosseguirá com a celeridade possível a aplicação da referida Lei.

Nesse sentido seleccionaram-se

em primeiro lugar, alguns casos em que apenas falta a execução das decisões já tomadas por anteriores Governos.

As entidades colectivas ocupantes das respectivas terras foram (continua na pág. 5)

SIMPÓSIO INTERNACIONAL sobre alfarrobeira no Algarve

Decorreu recentemente na Aldeia das Açoteias o Simpósio Internacional sobre a Alfarrobeira, o qual congregou a presença de fisiologistas de vegetais, bioquímicos, agrónomos e outros especialistas provenientes de diversos

países pertencentes à região mediterrânica.

No decurso dos trabalhos, foram abordados ponderadamente vários aspectos da planta em apreço, designadamente, de ger- (continua na pág. 5)

O Agricultor e o Crédito

Tem o agricultor necessidade de efectuar investimentos nas terras que trabalha a fim de conseguir melhores produções; a pequena albufeira que lhe transforme a terra de sequeiro em regadio; a aquisição de maquinaria agrícola que lhe permita executar

as operações culturais quando a terra se apresenta de sequeiro; e construção da vacaria ou da casa de ordenha, etc.

Está o agricultor necessitado de efectuar investimentos, como atrás dissemos, mas está descapitalizado (continua na pág. 5)

MÚSICA NOVA PRECISA DE APRENDIZES

(VER PÁGINA 6)

48.º CONGRESSO MUNDIAL ASTA-ACAPULCO

Integrados na comitiva portuguesa, deslocaram-se ao México os sr. Cabrita Neto, Presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve e Fernando Soares, Coordenador dos Serviços de Promoção e relações Públicas, que vão participar no Congresso Mundial da ASTA que decorre naquela cidade Mexicana de 15 a 20 de Outubro.

A ASTA é uma associação de profissionais de Turismo fundada nos Estados Unidos em 1931, que acompanha mais de 15 000 membros espalhados por mais de 110 países.

No Congresso realizado no ano passado em Madrid, o número total de participações ultrapassou os 7 000 membros.

O tema do Congresso 78 é «Challenge of the futuro», simultaneamente as secções de traba-

lho, funciona um Trade Show (Feira de Turismo), considerado o mais representativo do mercado turístico dedicado exclusivamente ao sector profissional.

Portugal está representado neste Trade Show com um pavilhão onde o Algarve está também presente.

Além dos representantes deste Orgão Regional de Turismo, deslocar-se-ão também Agentes de Viagens e Hoteleiros da Região Algarvia.

ALMANSIL



AGRADECIMENTO

MARIA DA PIADE LUZIA

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que a vitimou e bem assim a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

(4-1)

ARMAZÉM ALUGA-SE

Com 200 m2, na Goncinha. Informa Telef. 62461 — LOULÉ.

ESCRITÓRIO DE CONTABILIDADE

M. CONCEIÇÃO PIMENTEL

Escritas dos Grupos «A e B».

Assuntos fiscais e contabilísticos. Telef. 62867 — LOULÉ.

(6-1)

ESCRITAS

ACEITAM-SE

Tratar na Rua 3 à Av. Infante de Sagres, Lote 4-4.º Dt.º

QUARTEIRA

(2-1)

TERRENOS

ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA — R. SERPA PINTO, 9 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

(6-1)

Pontificação do Papa João Paulo II quebra tradição de quatro séculos

(continuação da pág. 1) preparação teológica e filosófica raro e foi antigo mineiro e operário numa fábrica de soda.

Dotado de uma excepção nunca hesitou em dissecar os problemas candentes da Igreja.

O «Observador Romano», comentou: «O novo Papa sempre foi uma testefunha, um ardente defensor da fé e dos princípios fundamentais da doutrina cristã».

Conquanto vindo do lado de lá da chamada «Cortia de Ferro», o cardeal Wotyla fez questão em aceitar que a igreja polaca não estava a travar qualquer luta política, embora tenha reconhecido que para levar a cabo a sua missão pastoral tinha de manter a sua total independência.

Tal como Cristo, o cardeal Wojtyla, separara dois domínios

não fideis: «A Deus o que é de Deus e a César o que é de César».

A propósito da sua eleição o Conselho Mundial das Igrejas disse: «O novo Papa traz ao ponti-

ficado e as suas responsabilidades a nível mundial a rica tradição espiritual do povo polaco, bem como a sua experiência pastoral e ecuménica, como arcebispo de Cracóvia».

DOAÇÃO DA IGREJA DE VILAMOURA

Por omissão involuntária, que nos penitenciamos, não foram mencionadas as presenças, ao acto da doação da Igreja de Vilamoura à Diocese de Faro, do Presidente da Câmara Municipal de Loulé, sr. Andrade de Sousa, Presidente da Junta de Freguesia de Quarteira, sr. Luís Correia da Conceição, e do Presidente da Co-

missão Regional de Turismo, sr. Cabrita Neto, que aqui nos incumbe registar.

A lamentável omissão foi devida ao facto de que, ao marcante acontecimento, não esteve presente qualquer representante deste jornal, pelo que nos baseámos apenas na informação que nos foi prestada pela Lusotur.

HABILITAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, nos termos do art.º 97.º, do Código do Notariado, que por escritura de 17 do corrente, lavrada de fls. 17 a 18, do livro n.º A-103, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi declarado que por óbito de Manuel Carrusca Neves, ocorrido no dia 19 de Fevereiro de 1976, no Hospital de Faro e freguesia da Sé, natural da freguesia de São Sebastião, concelho de Loulé, habitualmente residente nesta vila, no estado de casado em primeiras núpcias de ambos e segundo o regime da comunhão geral de bens, com Maria do Carmo Guerreiro Mendes, actualmente sua viúva, natural da referida freguesia de S. Sebastião, residente nesta vila, que não deixou testamento, foi habilitado como seu único herdeiro, a filha:

Maria José Mendes Neves da Cerca, casada segundo o regime da comunhão de adquiridos, com Vítor Manuel Diogo Cerca, natural da freguesia dita de São Sebastião e residente nesta vila. Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 19 de Outubro de 1978.

O 2.º Ajudante, Fernanda Fontes Santana

DATSUN 240 K G T

Vende-se impecável.

Trata Filipe Barriga — Telef. 66114 — BOLIQUÊME.

(2-2)

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas n.º C-103, de fls. 33 a 34, v.º, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada hoje, na qual Manuel Domingos Joaquim e mulher, Lucinda dos Santos Mendes, residentes no sítio do Almarginho, freguesia do Ameixial concelho de Loulé, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, do seguinte prédio:

Urbano, constituído por uma morada de casas térreas, com dois compartimentos para habitação, situado na povoação e freguesia do Ameixial, concelho de Loulé, confrontando do norte com José Carrusca, do sul e poente com rua, e do nascente com João Ramos, omissão na Conservatória do Registo Predial deste concelho, e inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quarenta e sete, com a valor matricial de trezentos e sessenta escudos e o declarado de 9 000\$00;

Que é titular da referida inscrição matricial Augusta Maximina, viúva, que foi residente na povoação e freguesia dita do Ameixial, de quem o mesmo proveio; — com efeito,

O prédio supra descrito pertence aos justificados pelo facto do mesmo ter sido doado ao varão, ao tempo solteiro, maior, por sua mãe, a referida Augusta Maximina, já no estado de viúva de Domingos Joaquim,

em data imprecisa, mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e quarenta e seis, sem qualquer reserva ou encargo, por forças da sua quota disponível e por mero contrato verbal, nunca reduzido a escritura pública; — sendo também certo,

Que desde a data da referida doação, portanto há mais de trinta anos, inicialmente o justificante varão, e posteriormente ao seu casamento, ambos os justificados têm vindo a possuir o prédio supra descrito, em nome próprio e sem a menor oposição de quem quer que fosse, posse sempre exercida sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo, por isso, a sua posse pacífica, contínua e pública, pelo que também o adquiriram por usucapião;

Que em face do exposto não têm os justificados possibilidade de comprovar o seu direito de propriedade perfeita sobre o aludido prédio, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 16 de Outubro de 1978.

O 2.º Ajudante, Fernanda Fontes Santana

CAVALO DE SELA

VENDE-SE

Trata: Brazão & Morgado, Lda.

Telef. 62689 — LOULÉ.

(3-2)

PRECISA-SE

Operária que tenha prática de pastelaria (bolos secos), pastelaria fina e caseira. Resposta a este jornal ao n.º 30.

(2-2)

Tristes confidências de um país

Sendo eu português por nascimento, coração e dedicação, nunca havia conversado seriamente com Portugal. Marquei então encontro com o País e numa bela tarde de Setembro, na varanda de minha casa, à luz do tão famoso sol algarvio, comecei um longo e útil diálogo com o País que tanto amo.

Disse-me então o querido e velho Portugal:

«Sou velho de mais de oitocentos anos. Tenho sofrido muitas provações e desastres provocados não só pelo destino, como também pelos sucessivos governos que por mim têm passado. Mas tenho tido também momentos de glória causados, não pela acção governativa, mas pelo querer, força de vontade, rigidez, honradez e amor à pátria de muitos dos meus filhos!»

Neste momento, contudo, sinto-me em crise. Depois de uma época recheada de belas realizações, sucederam-se dias de grande levandade, de despesas inúteis de demagogia, de atropelos e de má fé que muitos têm contribuído para a minha desgraça e para o meu desfalecimento. A situação em que me encontro é de pobreza e de vergonha. As nações estrangeiras desprezam-me e eu próprio começo a recear pela minha salvação. Senão vejamos:

Preside-me um autodenominado sistema de governo democrático. Mas, segundo o que me têm dito, a democracia é o exercício do poder pelo povo. Será neste momento verdadeiramente o povo a presidir e a traçar o meu destino? Parece-me que não.

Quem se ocupa dos meus problemas, das minhas necessidades e do meu progresso ou (do meu atraso), são os partidos políticos constituídos, não a partir da sociedade, mas a partir de um número de individualidades, mais ou menos competentes ou incompetentes, com prestígio ou sem ele, que desenvolvem toda a sua actividade atendendo aos seus próprios interesses político-ideológicos e não aos interesses legítimos de todos os meus filhos, de todos os portugueses.

Por outro lado, no meu sistema eleitoral, quem vota sou eu mas não sou eu quem elege; o meu voto ou é simplesmente falsificado, ou é influenciado ou é imposto. O voto de grande parte dos portugueses tem por fonte ou a violência, ou a ignorância, ou o caciquismo.

Por outro lado, ainda, o meu Parlamento, a minha Assembleia Legislativa, é um órgão que pelo seu mau funcionamento e pelos seus maus gestores, um grande sofrimento me tem causado. Em nome da democracia, permitem-se todos os seus componentes fazer atropelos e afirmações que muito me desgostam. Assim, estando muitas vezes em jogo leis reguladoras de matérias da maior importância para a continuação da minha existência, têm esses meus filhos degenerados, a ousadia, e o desprazo de passarem o tempo em diálogos infrutíferos, abs-

tractos e inúteis que mais pretendem demonstrar as suas «brilhantes» qualidades de oratória e de poder de argumentação, do que chegar a conclusões válidas para todo o povo.

No que diz respeito à minha economia direi que o seu atraso é uma consequência lógica do sistema que me preside.

O déficit da minha balança comercial foi de cerca de noventa milhões de contos e no final do ano de 1977. Este déficit é superior em cerca de 40% ao de 1976 e representa cerca de 20% do produto de todos os portugueses. Este déficit representa ainda que, por cada cem contos importados do estrangeiro só quatro são exportados. Ora, o déficit da balança comercial traduz bem o estado caótico da minha economia, o qual resulta da má política económica realizada; de eu exportar poucos produtos e pouco competitivos (porque a produtividade é baixa e a minha moeda, o escudo, está desvalorizada; de eu ter poucos e insipientes e insuficientes apoios à exportação e de nos últimos anos ter havido um grande aumento de consumo que se traduziu na falta de resposta da oferta interna e na aceleração das importações sobretudo de produtos alimentares e de petróleo. Assim, o que ainda me vale é a beleza do meu território, bem como a suavidade do meu clima, atraindo muitos turistas, assim como as remessas de todos os meus filhos que contribuem no estrangeiro com o seu suor e sacrifício, para o desenvolvimento dos países onde residem e trabalham.

Ora este estado de verdadeiro descalabro da minha economia leva a que, num mundo em que os povos estão cada vez mais próximos sob o ponto de vista económico, eu me sinto cada vez mais débil na minha independência e soberania.

Mas tudo isto que eu disse sobre a minha política e economia, tem uma influência profunda sobre a vida de todos os meus filhos. Nos últimos anos assisti a uma verdadeira inversão de valores. Praticaram-se e praticam-se actos verdadeiramente atentatórios dos princípios fundamentais da moral pública, desenvolveu-se em mim a pornografia; a droga expandiu-se pelos meus filhos mais jovens; foi aberta uma campanha favorável à liberalização do aborto; as pessoas deixaram de se respeitar mutuamente; os insultos, a indecência e o mau trato, passaram a ser uma constante da vida de grande parte dos portugueses. Enfim, a convivência pacífica que eu tanto desejei, não só desapareceu, como tende a agravar-se uma vivência conflituosa entre todos os portugueses.

Por todas estas razões eu digo que estou doente e me sinto desfalecer. Por todas estas razões eu afirmo que o património, a cultura, as tradições e a própria civilização que eu ajudei a criar, es-

tão a perder-se. Daí que a minha própria independência esteja em jogo!»

Depois destas palavras de angústia e aflição, cheguei à conclusão que, para Portugal não se afundasse, seria necessário um apelo de consciencialização de todos os portugueses: só desenvolvendo todas as potencialidades de homens que são, trabalhando com todo o afinco nos seus diversos ramos de actividade e dando o bom exemplo nas suas relações familiares e profissionais, eles poderão contribuir para a sobrevivência e glória da pátria.

Por isso, tu que és estudante ou intelectual, desenvolve a tua actividade olhando aos interesses reais do país; tu que és médico, advogado, comerciante, sapateiro, pedreiro, industrial ou carpinteiro, exerce a tua profissão com brio e hombridade, de tal modo que o teu trabalho possa realmente ser o motor de arranque da nossa tranquilidade, bem-estar e prosperidade; tu que és pai, educa os teus filhos com os olhos voltados para uma convivência pacífica entre todos os portugueses; enfim, tu que és jovem, agarra toda a tua força de vontade, coragem e patriotismo, e não te deixes vencer pelo medo, oportunismo ou comodismo, de tal modo que com atitudes nobres e patrióticas dês a conhecer a todos os portugueses que os homens de amanhã levantarão de novo a pátria ao cume da prosperidade e da glória.

M. A. S.

NOTÍCIAS PESSOAIS

CASAMENTO

Celebrou-se em Loulé, no passado dia 14 de Outubro, o enlace matrimonial da sr.^a D. Fernanda Teotónio Martins de Carvalho, prezada filha do sr. Fernando Manuel de Carvalho e da sr.^a D. Maria Graciete Martins Carvalho, com o sr. Manuel Rocheta Neto, filho do sr. Manuel Rocheta Pires e da sr.^a D. Adélia Neto Faria.

Apadrinharam o acto por parte da noiva o sr. Domingos Viegas dos Santos e a sr.^a D. Paula de Brito Viegas e por parte do noivo o sr. José António de Sousa Pires e a sr.^a D. Dália Maria Guerreiro Pontes.

Endereçamos os nossos parabéns ao jovem casal e a seus pais e desejamos para os noivos uma vida conjugal plena de venturas.

PARTIDAS E CHEGADAS

Estiveram na nossa redacção o sr. José Guerreiro da Piedade que se fez acompanhar de sua esposa sr.^a D. Julieta Costa da S. Piedade que vieram passar as suas férias ao Algarve.

— Após ter permanecido cerca de um mês entre nós, regressou a Lisboa o nosso prezado assinante e conterrâneo sr. Luís Joaquim Guerreiro, funcionário da Casa da Moeda.

FALECIMENTOS

No Hospital Pulido Valente, em Lisboa para onde fora transportado de urgência, faleceu no passado dia 11 de Outubro, a sr.^a D. Antónia Filipe Leal Inês, natural de Exanchinas (Almansil), que contava 67 anos de idade e era

filha da sr.^a D. Maria da Conceição Leal e do sr. José Filipe Viegas (já falecidos) e deixou viúvo o nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. José de Sousa Inês, que foi conceituado comerciante da nossa praça.

A saudosa extinta era mãe do do nosso prezado assinante sr. dr. José Manuel Viegas de Sousa Inês, casado com a sr.^a D. Adélia Cristóvão Ricardo Inês, professora oficial e irmã das sr.^{as} D. Maria Filipe Leal, viúva do sr. Ernesto de Sousa Pontes, D. Emília Leal Viegas, casada com o sr. Inácio Martins Viegas, D. Glória da Conceição Leal Viegas, viúva do sr. Ventura dos Santos Gomes, D. Filipe Leal Viegas Gonçalves, casada com o sr. José de Sousa Gonçalves, D. Rosinda Leal Viegas Vicente de Brito, casada com o nosso estimado amigo e assinante sr. João Vicente de Brito e do sr. Manuel Filipe Leal Viegas, casado com a sr.^a D. Romana Nunes Portela Viegas, e cunhada das sr.^{as} D. Custódia de Sousa Inês, casada com o sr. António Figueiro (ambos falecidos), D. Rosa de Sousa Inês e dr. Francisco de Sousa Inês, casado com a sr.^a D. Gisela de Sousa Pontes Inês e Manuel de Sousa Inês, casado com a sr.^a D. Rosa Bota Inês.

— Em casa de sua filha Irene Marum, faleceu em Loulé no passado dia 11 de Outubro o nosso conterrâneo sr. António Gonçalves Marum, que contava 93 anos de idade e residia 40 anos em Setúbal. Deixou viúva a sr.^a D. Maria das Dores Urbano Marum.

O saudoso extinto era pai das sr.^{as} D. Irene Urbano Marum, casada com o nosso prezado assinante e amigo o sr. João Manuel Brito Barracha, comerciante da nossa praça, D. Maria Libânia Urbano Marum Brito Mariano, viúva do sr. eng.^o José Estêvão de Brito Mariano e dos nossos prezados amigos e assinantes srs. José Urbano Marum, residente em Setúbal, António Bengalinha Marum, residente em Faro, casado com a sr.^a D. Maria das Dores Guerreiro Pereira Marum e Filipe João Urbano Marum casado com a sr.^a D. Maria Helena Mendes Marum, residente em Setúbal e avó da sr.^a D. Maria Madalena Guerreiro Marum, casada com o sr. Duarte Nuno de Azevedo e bisavó de Mata Cristina.

— Com a idade de 75 anos, faleceu no Hospital de Loulé, no passado dia 29 de Setembro, a sr.^a D. Maria da Piedade Luzia, natural de Almansil que deixou viúvo o sr. Francisco José da Cruz Luzia.

A saudosa extinta era mãe dos srs. Francisco José Coelho Luzia, casado com a sr.^a D. Maria José de Brito, José Manuel Coelho Parreira Luzia, nosso prezado assinante e amigo, casado com a sr.^a D. Teresa Maria Virote Luzia e das sr.^{as} D. Maria Celestina Coelho Luzia Mendonça, casada com o sr. Jaime Ventura Mendonça e da sr.^a D. Maria Odília Coelho Luzia Mendonça, casada César Tavares Valério.

As famílias enlutadas apresentamos os nossos sentidos pésames.

Déficit do Comércio Português com a Grã-Bretanha

Em relação aos primeiros sete meses do ano corrente o comércio entabulado entre a Grã-Bretanha e Portugal averbou um déficit da ordem de 2.147 mil contos, desfavorável à nossa economia. Durante o citado período Portugal vendeu cerca de 13,6 contos e comprou 15,8 mil contos de produtos.

Os produtos portugueses mais vendidos foram fios e tecidos da indústria têxtil, vestuário, maquinaria, artefactos de madeira e cortiça. Por seu turno os mais comprados foram equipamento para transportes, maquinaria, produtos químicos e metais não ferrosos.

Campeonato do Mundo de Xadrez Torneio Zonal 11

Vai realizar-se no Algarve, o Torneio Zonal 11 do Campeonato do Mundo de Xadrez, que decorrerá nos Hotéis Júpiter e Montechoro (Praia da Rocha e Albufeira) de 22 de Novembro a 17 de Dezembro. Os melhores classificados de cada Torneio Zonal vão disputar os Torneios Internacionais os quais vão, por sua vez, apurar 8 jogadores que disputarão entre si para apuramento de candidato a Campeão Mundial. O Campeão Mundial jogará pois com o candidato, pondo desta forma o título em jogo.

Entre os países participantes no Torneio Zonal 11, destaca-se a Jugoslávia 2.^a maior potência mundial em xadrez.

Participam também a Itália, Grécia, Turquia e a Tunísia, entre outros.

A representação portuguesa, estará entregue a Fernando Silva, Joaquim Durão, José Pereira e Luís Santos.

Este torneio é organizado pela Federação Portuguesa de Xadrez e tem a colaboração dos Hotéis Júpiter (Praia da Rocha) e Montechoro (Albufeira). Direcção Geral do Turismo e Comissão Regional de Turismo do Algarve.

UDA contra o preço do trigo

As Uniãos Distritais de Agricultores manifestaram, publicamente, a sua posição quanto à política de preços, nomeadamente no que se refere a trigo. Consideram que o preço de 8\$80 por quilograma de trigo, para o produtor, é «um atentado contra a economia e uma medida administrativa que visa liquidar as pequenas empresas agrícolas e cooperativas». (Imp. de 11).

VENDE-SE ARMAZÉNS

De 400 m² e moradia em acabamento, implantados em 21.000 m² de terreno com óptima vista de mar. Magnífico para restaurante. Sítio dos Valados (Estrada Loulé-Faro).

— Moradia mobilada com 5 assoalhadas, aldeia do golfe, Vilamoura.

— Terreno em Vilamoura, 5.000 m², óptimas vistas mar e serra. Tudo em bom preço.

Respostas ao Apartado 28 — Almansil ou Telefone 94366 (Faro) a partir das 20h30m.

(2-2)

ACIDENTE MORTAL EM VALE DE ÉGUAS

Por razões ainda não totalmente conhecidas, um carro tipo «jeep», com a chapa de matrícula GV-41-35, tripulado por José dos Santos Marques, de 34 anos, agricultor, casado, residente no sítio do Zebro, do concelho de Silves, saiu fora de mão e embateu violentamente num autocarro da Rodoviária Nacional, chapa n.^o BC-45-41 que transitava em sentido contrário.

O acidente ocorreu no passado dia 9, cerca das 19.45 horas, em Vale de Éguas, na estrada nacional 125.

Em resultado do forte embate, faleceu o condutor do «jeep»,

acima nomeado, tendo sofrido ferimentos não considerados graves, dois passageiros do autocarro de nacionalidade alemã, Gethrid Trudel Auguste Hansen e Hans Dieter.

Depois do embate o autocarro despiستou-se e chocou por sua vez num muro, causando neste um rombo de perto de nove metros.

O «jeep» ficou totalmente destruído, e do autocarro além dos prejuízos vários desprendeuse o rodado dianteiro, não se registando felizmente outros danos pessoais além dos nomeados.

O XICO MACAÍSTA

Aqui há dias, numa das nossas aldeias, perdidas aí na meia serra, rebentou a bomba:

Um envelope, timbrado com o nome de um dos mais prestigiosos diários da capital (imprensa nacionalizada, nossa, é bem de ver, depois de conveniente, esculpida e meticulosamente varrejado, mostrou uma carta, displicente e seca, curta e pontual, assinada por um dos camaradas, em auto-gestão jornalística, onde se anunciava, «urbi et orbi», que um repórter ia a caminho para consultar as Massas Trabalhadoras da Periferia e ver, como eles lá dizem na serra, «porque é que o queijo tem buracos»...

Foi uma festa, claro, na montanha; desde os tempos do Remexido que não eram visitados por um personagem tão importante e, secretamente, lá muito no íntimo, começou de nascer-lhes a louca esperança de pensarem que, desta vez, podia muito bem ser que o camarada jornalista, evidentemente bem instalado no PREC, metesse uma cunha lá na Lúbia, para solucionar definitivamente (um «definitivamente» que ia pelo menos, na décima edição), aquela história das covas do caminho velho, e, até, (o diabo fosse surdo, coxo, cego e mudo...) arranjassem aquela cegada da ponte sobre a ribeira, onde até os machos entravam às arrecuas e com as ventas entapadas.

Dai, até à organização de uma Comissão de Moradores Para Receber o Camarada Jornalista, foi um passo. Verdade é que, estruturada esta, de acordo com as salutares regalias da mais democrática participação, só sobraram o Manel Parvo, a Ti Emília Mouca e o Francisquinho Maricas, que o resto da saloia, como se diz, «entrou toda».

O pior é que surgiu um gravíssimo óbice: — Quem diabos é que ia fazer o discurso de recepção? — O padre nem pensar nisso, que era um «reagão» dos antigos (e não tinha emenda, o al-

ma de cântaro), o Zé da Adega anda menos, que tinha sido presidente da Casa do Povo no tempo dos «fios», e, dos novos, daqueles com muito cabelo e lume na venta, apesar de terem o liceu quase acabado e o serviço cívico à porta, todos eles eram de passagens administrativas, com carimbo e tudo, e só sabiam falar de política (mas com o discolo muito riscado).

Aflitos, contaram e recontaram pelos dedos das mãos, quem havia de ser, quem não havia de ser e à beira do desespero, lá surgiu a ideia salvadora: — lam falar com o Xico do Moinho, um velhote esquisito que, depois de muitos anos em Macau, aguardava, serenamente, a morte, isolado na velha Torre herdada dos pais e onde, nos ominosos tempos, do antigamente, se moia, para todos, aquela farinha branca, branca como os reclamos dos detergentes na RTP.

Lá foram... e saíram-se. Ouvidas as partes, e declarado a pátria em perigo, o velho Xico consultou um alfarrábio de boas maneiras, trazido do Oriente, e disse que sim: — Que estivessem sossegados, porque fora em Macau que viveu Camões parte da sua amargurada vida (muito antes do saneamento, é bem de ver) e ele esperava que, no silêncio sagrado das noites lá do Moinho Velho, os manos do poeta o viessem ajudar: far-se-ia a saudação devida, ao camarada jornalista.

Chegado o grande dia, o homem veio, barbudo e enfermeiro, com um brilho líquido nos olhos de saurio: lá foi tudo para a sessão de boas-vindas.

O Xico de Macau safou-se melhor do que a encomenda:

«Camarada: Sejas bem-vindo, oh nobre estrangeiro, face impenetrável, sol do mundo; que a nossa humilde casa se ilumine com a tua augusta presença; que os mil aromas do crisântemo e da rosa embalsamem a tua alma generosa e ardente, que o ar do nosso modesto tugúrio te seja ligeiro e de temperatura clemente; que as mil bem aventuranças te preencham os menores desejos e que o templo do meu reconhecimento te proteja por mil gerações, oh luz sem mácula, fonte pura, lotus azul, serena tranquilidade, bem aventurada harmonia, dragão celeste...».

Aqui, o Xico faltou-lhe o bafo e parou para tomar ar. Quando se preparava para prosseguir (ouviam-se voar as moscas, incluindo as varejas), o senhor doutor (esqueci-me de dizer que o jo-

nalista alfacinha era doutor, daqueles que vão à Televisão, nas Mesas Redondas, em que se têm escabichado os destinos deste velho País sem vergonha) o senhor doutor, dizia eu, o festejado, o recebido, o hóspede em suma, cortou, olímpico e definitivo, com um golpe de mão ossuda, em cutelo: — «E não só, pá, e não só».

NOTA — Escusado será dizer que, ainda hoje, a estrada velha é um dicionário de buracos e, na ponte, mesmo em noites luarentas, os machos continuam a entrar às arrecuas e de ventas entapadas.

Pobres dos pobres serrenhos da minha serra natal! (O que vale, é que a Estrada continua viva, rija, e com a língua de sete metros e quarenta...).

ROCHETA CASSIANO

Linha de Crédito à Guiné-Bissau

Nos termos de um acordo bilateral assinado no dia 6, a Caixa Geral de Depósitos concedeu ao Banco Nacional da Guiné-Bissau uma linha de crédito no valor de 4 milhões de dólares (cerca de 200 mil contos) destinados ao financiamento de importações de bens de consumo ou de equipamento de origem portuguesa.

O acordo é válido por um ano, e todas as operações a que ele se reportem deverão ser efectuadas em dólares dos EUA.

Novos livros da colecção «Menina e Moça»

Depois do sucesso obtido com a série «Na Flor da Idade», Publicações Europa-América tem vindo a publicar regularmente no princípio de cada mês um novo romance da colecção «Menina e Moça».

Uma colecção onde predominam o amor, a aventura, a emoção, a ternura, o romance. São livros especialmente escritos para as moças dos 12 aos 18 anos.

Mais Belo do Que um Sonho e Aquela Ilha no Fim do Mundo — os ultimamente editados — são obras que farão as delícias das adolescentes e que qualquer pai ou mãe, tia ou avó poderão oferecer de bom grado.

Escritos tendo em conta todo o mundo de sonho que povoa a mente das jovens (e sonhar não é uma constante da vida?), os dois últimos romances da colecção «Menina e Moça» alimentam esses sonhos, sem contudo deixarem de preparar as jovens para as realidades da vida.

Alunos manifestam-se contra classificações do Propedêutico

Os alunos do Ano Propedêutico que se sentiram prejudicados com as classificações dos exames finais, agora divulgadas pelo MEC, decidiram manifestar-se no dia 11, junto às instalações do ex-Serviço Cívico, a fim de pedirem ao Governo a revisão da sua situação. — «DN» de 11.

CARIMBOS

Executam-se na GRÁFICA LOULETANA Rua Marechal Gomes da Costa Telef. 62636 — LOULÉ

ERA UMA VEZ....

Era uma vez um leão. Rei dos animais, chamou alguns a funções de chefia e de comando.

Organizou o seu exército, porque tinha inimigos, já que nem toda a bicharia estava disposta a reconhecer-lhe a autoridade. Sobre o tigre que se julgava o animal mais belo e mais perfeito deste mundo e arredores, atleta desembaraçado como poucos.

Para este exército precisava de quadros dirigentes, oficiais e instrutores competentes. A massa dos soldados seria recrutada como em toda a parte, compulsivamente. Mas os chefes precisavam de qualidades especiais e o leão quis voluntários que se dedicassem de alma e coração ao seu ofício.

Foram muitos os que apareceram e ofereceram-se, uns por amor ao rei e à profissão, outros por ambição e vaidade porque era glorioso estar nas boas graças do rei e ter os outros submetidos às suas ordens, outros porque esperavam bons proventos, e outros ainda porque não resistiam à tentação de tudo experimentar e bulir em tudo.

Entre os primeiros, os dedicados à pessoa do rei, notavam-se alguns leõeszinhos, activos mas calmos e sem complexos, cuja cooperação Sua Magestade imediatamente aceitou e disso não veio nunca a arrepender-se, e até umas tartarugas, tão lentas, tão vagarosas, que o Rei hesitou muito tempo em aceitar.

— Para que prestarão bicharocos destes? Se nem podem com elas...

Mas acabou por entregar-lhes a guarda das bagagens.

— Se elas não se movem muito, as bagagens ainda se mexerão menos. Se vier alguém roubá-las, ao menos darão alarme e os outros correrão a defendê-las.

Entre os ambiciosos e vaidosos contavam-se a zebra e a girafa. Com a sua farda pintalgada, a cabeça erguida que parecia de gente decidida a grandes coisas. Sua Magestade achou que podiam fazer boa figura e bom trabalho a enquadrar os soldados como cabos e sargentos ou mesmo como oficiais subalternos assim como os lobos e raposas e outros mais.

Um outro grupo lhe pareceu digno de muita atenção, porque eram bichos activos, cheios de iniciativa, com planos e ideias novas, sempre dispostos à obra e fazendo os outros trabalhar também. Eram os macacos das várias raças e etnias. Nestes, sim, poderia escolher o pessoal para os quadros de comando.

Feita a mobilização geral em todo o reino, em pouco tempo D. Leão tinha o mais numeroso e o mais vistoso dos exércitos que jamais se tinha visto por aquelas bandas.

Uma vez ou outra, Sua Magestade quis assistir a manobras. Fazia-se sempre anunciar e, na presença dele, ou por amor ou por interesse, cada um procurava desempenhar o melhor que podia o seu papel.

É verdade que, chamados a conselho, às vezes, os macacos não se entendiam e chegavam até a morder-se. Mas isso era, certamente, por dedicação e porque, sendo complexas as operações, era natural que os pareceres nem sempre coincidissem.

Também entre leões e macacos, a harmonia não era tão completa quanto deveria ser. Os leões, cal-

mos e sérios, chegaram algumas vezes a denunciar a irrequietude dos macacos. Mas o Rei atribuía isso a rivalidades tribais e emulação, tanto mais que os macacos também se denunciavam uns aos outros e aos leões.

Os subalternos, esses actuavam garbosa e impecavelmente, apenas uma vez ou outra desmontados por alguma ordem contraditória vinda de cima.

Junto das bagagens, as tartarugas pareciam pedras, nada faziam, o que não agradava muito ao Rei; mas, enfim, as bagagens não fugiam...

Depois veio a guerra. Diante do inimigo, o comando teve tantos planos que não assentou em nenhum. Toda a macacagem, a princípio, se agitou, parecendo levar tudo de vencida e desordenando as fileiras de tal modo que os leões da chefia não as conseguiam segurar. Mas, ao verem o aspecto feroz dos inimigos, os macacos foram os primeiros a fugir, fazendo esgares. Com eles fugiram as zebras e as girafas e, depois, as raposas manhosas, que não estavam dispostas a dar o corpo ao manifesto. E com os oficiais leões, que lhe restaram, e os lobos, teve o rei de organizar o tropa.

E por sorte que as tartarugas inúteis, com as carapaças blindadas, não arredaram pé e defenderam as bagagens de modo que não faltou ao exército nem alimentos nem material e, passada a hesitação inicial, o exército pôde recompôr-se e vencer...

Quantas vezes, entre os homens, se vêem tantos «faz-tudo», que se agitam, mexem em tudo, tudo põem em movimento, e os chefes chegam a rir-se pensando que têm ali grandes homens, em que podem confiar. Mas depois, quantas desilusões...

E esses agitadores estão vendidos ao inimigo, a colaborar com ele, na sementeira da cizânia?...

E quantos outros, que nada parecem fazer, são os guardas fiéis do rebanho, muitas vezes caluniados e denunciados pelos activistas que os encontram pela frente...

Qui potest capere, capiat... J. C.

TÃO PEQUENINOS QUE SOMOS

O vento levou-te as flores
A chuva estragou-te o fruto
O sol queimou-te o caule
e tu renovaste loucamente
as tuas lágrimas

Sim
eu vi chorares
e chorei contigo
não pela gostosa vontade de
[chorar]
mas porque senti como tu
A PEQUENEZ

LUIS PEREIRA

ESCURECEU

Escureceu
as pombas partiram
os corvos chegaram
como um rasgão na paisagem
a chuva veio

E eu vi a chuva cair à minha volta
vi estremecer a folhagem
inundarem-se as searas
enviuvarem os frutos

O pranto do mar era intenso
O vento vigiava a chuva
como um polícia secreto
e a humildade arrepiada de medo
baixava as orelhas num choro des-
[fraldado]

Escureceu
olhei as taças
e os remendos na parede
o charco cinzento
através das janelas do meu quarto
onde me refugiei depois
caí na escuridão do tempo
sem saber que estava negro tam-
[bém]

LUIS PEREIRA

A Voz de Loulé, n.º 698, 26-10-78

TRIBUNAL JUDICIAL

DA COMARCA

DE LOULÉ

Anúncio

(2.ª publicação)

FAZ-SE saber que pela Secção Auxiliar deste Tribunal Judicial de Loulé, correm editos de 30 dias, contados da 2.ª e última publicação do presente anúncio, CITANDO os credores desconhecidos do executado DOMINGOS FERREIRA DE SOUSA, casado, industrial, residente em Quarteira, desta comarca de Loulé, para no prazo de 10 dias, posterior ao dos editos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, nos autos de execução de sentença n.º 9-A/78 que o exequente Firma José Guerreiro Martins, Lda., com sede em Quarteira, move contra o referido executado. Loulé, 6 de Outubro de 1978.

O Juiz de Direito,

a) Mário M. Torres Veiga

O Escrivão,

a) Américo G. Correia

PARA RIR...

— Onde és, rapaz?
— Metade de Lamego e metade de Lisboa

— É que, quando vim de Lamego para Lisboa, pesava 25 quilos e agora peso 50.

★

O médico para o enfermeiro:
— Então, o doente já está anes-
tesiado?
— Ao tempo.
— Demorou muito?
— Não. Quando lhe disse o preço que o doutor levava pela operação perdeu logo os sentidos!...

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA

PORTUGUESA

A Prevenção Rodoviária Portuguesa recorda que as bebidas alcoólicas fazem diminuir o tempo de reacção. Numa situação imprevista, o condutor que tenha bebido álcool em excesso, só demasiado tarde estará em condições de efectuar a manobra correcta.

HOMENS E IDEIAS

(continuação da pág. 1)

ficaram na Redacção por que a censura não os deixou vir a lume, para testemunhar a nossa maneira de ser e estar na vida. Desgraçadamente o nosso país está repleto de «anti-fascistas» que teriam vergonha de ver hoje nos jornais, o que fizeram noutros tempos em relação aos regimes de Salazar e Caetano.

Dada esta explicação indispensável, a fim de evitar toda ou qualquer confusão, voltamos agora às declarações do dr. Mário Soares, simplesmente para lhe responder o que milhares de portugueses, certamente gostariam de lhe dizer. Sabe-se que o dr. Mário Soares não pôde perdoar ao Senhor Presidente da República, de o ter exonerado do cargo de Primeiro Ministro, como se de um capricho ou crime se tratasse. Ora qualquer português sabe muito bem que o general Eanes ao tomar essa medida não fez mais do que interpretar o desejo da maioria esmagadora dos portugueses. Um país não se governa com fanfarronices, com chavões, com demagogia, com incompetência, mas sim com inteligência, honestidade e bom senso. Nem o sr. dr. Mário Soares nem os seus próximos colaboradores — o que não é segredo para ninguém — deram provas ao país e ao mundo exterior, de possuir essas qualidades. Digam-se, pelo respeito devido à verdade, que o comportamento do sr. dr. Mário Soares na Oposição ou no Poder, bem pouco tem tido de comum com o sentido da responsabilidade e de amor ao País que é o seu. A democracia e o socialismo são ideais maravilhosos, mas não podem ser utilizados, simplesmente, como instrumentos de propaganda pessoal. Na Oposição, mais do que um político coerente com as suas ideias, o dr. Mário Soares foi sempre um demagogo que com a cobertura socialista e democrata, apoiado por uma publicidade enorme, feita à custa de somas monstruosas que não ganhou com o suor do seu rosto, o que aliás só iludiu os incautos. No Poder, dado à sua incompetência para governar o país, outra coisa não fez mais, do que montar uma

máquina de propaganda, colocando as rédeas da informação e do Poder, nas mãos dos seus turiferários sem preocupações de competência, de maneira a intoxicar o Povo que tudo tem pago à custa de suor e lágrimas. Nem Salazar nem Caetano — que pelo menos eram inteligentes e de um certo ângulo honestos — foram tão longe no campo da propaganda. Não temos a menor dúvida que quando na serenidade dos tempos for escrita a História do Portugal de hoje, os seus

narradores precisarão sem erro possível, o que acima fica dito.

Afigura-se-nos fora de dúvida que o P. S. P. tem no campo das humanidades e da justiça, um largo papel a desempenhar na vida futura do nosso País. Essa parece-nos ser, a sua vocação natural. Contudo, isso só será uma realidade palpável, no dia em que estiverem no topo da sua direcção, homens à altura das responsabilidades. Salvo raríssimas excepções, que as há, não é esse o caso presente.

O AGRICULTOR E O CRÉDITO

(continuação da pág. 1)

zado: não tem dinheiro para empatar. O Banco leva-lhe, se lhe for concedida a bonificação, mais de 13% ao ano, em juros. A Caixa de Crédito Agrícola Mútuo, fundada para ajudar a lavoura, funciona como uma casa de penhores: 13,5% no primeiro ano que pulam para os 17% se o agricultor não conseguir amortizar a totalidade do empréstimo nesse prazo.

Quanto ao Crédito de Emergência, com o juro de 10% existe o inconveniente do capital ter de ser amortizado no prazo de 365 dias, mesmo quando o melhoramento a que foi destinado só se amortiza no prazo de 10 ou 20 anos.

Entre o Governo Português e o Governo dos Estados Unidos da América foi estabelecido um acordo no qual este último País concedeu um empréstimo em boas condições destinado ao financiamento de investimentos na agricultura a fim de a ajudar a sair do estagnamento em que tem vivido.

No 2.º Governo foi criado, por despacho do Ministro das Finanças e do Plano, uma comissão para dar parecer sobre prospectos de investimento que lhe sejam apresentados pela agricultura privada portuguesa.

As condições dos referidos empréstimos, a conceder aos agricultores que tiverem os planos aprovados, foram fixados no pagamento de um juro de 8,125% e na liquidação do capital empres-

tado em 15 prestações no espaço de 17 anos.

Consta que existem 4 milhões destinados a este fim.

Mas porque se não divulgam estas notícias junto dos agricultores, informando-os de como devem proceder e a quem se devem dirigir para a obtenção dos elementos necessários à concretização das suas pretensões?

Eis um assunto que merecia que a Imprensa Regional tratasse em profundidade, pois certamente interessaria grande número de leitores.

B. M.

Contribuição Industrial

O Decreto Lei 137/78 obriga todas as sociedades do grupo B a possuírem contabilidade regularmente organizada. Poupe dinheiro entregando a organização da sua contabilidade a um técnico de contas diplomado e inscrito na D. G. C. I. Contactar pelo Telefone 22007 — FARO.

(3-3)

Trespasa-se

Estabelecimento de fazendas de Francisco Portela no melhor local desta vila. Telef. 62755 — LOULÉ.

(6-3)

APARTAMENTO

Vende-se um 1.º andar, acabado de construir c/ 4 assoalhadas e (chave na mão), situado na Rua Poeta Aleixo (Transversal da Avenida J. Costa Mealha).

Nesta redacção se informa.

(6-3)

VENDE-SE CARRO

Peugeot 404, diesel, em bom estado.

Nesta redacção se informa.

PROPRIEDADE COMPRA-SE

Propriedade rústica de preferência inculta, com mais de 20 hectares, compra-se, de baixo preço, entre Loulé e Vila Real de S. António.

Nesta redacção se informa.

MAU-GOSTO, BOM-GOSTO E POESIA

(continuação da pág. 1)

modo, o que parece surpreendente é que haja por exemplo um sol-pôr poético quando nem nega de poesia há em versos escritos.

Não obstante, entenda-se que a poesia ganhou novas dimensões, não só dependentes das regras que a espartilharam severamente durante uma imensidade.

Não equivale isto a dizer que as regras de versificação clássica não estejam à disposição de quem nobremente as queira adoptar, mas já não são obrigatórias, pelas novas concepções, e isto, no final de contas, não impede que (em linhas tortas) venha a acontecer poesia.

A poesia moderna, na expressão do «versilivismo» (como lhe chamam os seus contraditores ou detractores), abdicou indubitavelmente da rigidez formal, mas ganhou (ou terá de valer-se), indubitavelmente, no vigor imaginético e no encantamento lúcido, efervescente e equilibrado e coerente do sentido exposto.

Aparentemente fácil à primeira vista, não o é no fundo. Requer maturidade, experiência, condomínio estilístico e algo mais ainda. Aquele pendor e talento natos, que podem desenvolver-se e até tardiamente revelar-se, mas jamais germinar onde a predisposição e a intuição, neste aspecto particular, são avaras.

No entanto, nem sempre estes atributos estão aliados. Acontece por vezes que a intuição e o talento produzem primorosas poesias. Tal o caso juvenil. Ai, a precocidade é bem frisante e impressionante.

Não alinhamos, contudo, com os ecléticos que pretendem ver o livre acesso à expressão poética mesmo que nessa direcção se movam apenas tentativas.

Como qualquer outra produção criativa de índole literária a poesia terá de ganhar e impôr-se pelo mérito próprio, quantas vezes ganho em jornadas longas e árduas de autossublimação e de emulação.

Necessário se torna inquestionavelmente a exteriorização e a comunicação, sem as quais não será possível a crítica correctora e depuradora.

Mas, não se confunda aqui crítica com censura. Não são sinónimos nesta questão.

Enquanto a crítica analisa, escatelize e diagnostica não raras vezes (é esse o seu papel), a censura (na acepção de pareceres obstrucionistas), invalida, traumatiza e desencoraja, simplesmente.

TABACO ALGARVIO para manipulação de cigarros

(continuação da pág. 1)

algarvio, abre perspectivas de diversificação assinaláveis para esta região, ponto é que o agricultor se disponha também a contrariar o sistema tradicional.

Lembramo-nos do cultivo extensivo do tomate e dos citrinos, que a prosseguirem no mesmo ritmo de crescimento até agora registado conduzirão fatalmente a monocultura.

Reunindo o Algarve condições climáticas variadas, comumente classificadas de subtropicais, será justo que pelo menos se tente a variedade produtiva rendível que esteja ao alcance das suas efectivas possibilidades.

Pelo que nos deixam admitir, aqueles dois jornais, o tabaco algarvio «é de boa qualidade e vendável em qualquer parte do mundo».

Se realmente conseguíssemos safras de tabaco à altura de auto abastecer a indústria tabaqueira nacional, já seria muito bom, pois um produto a menos deixaria de pesar no elevado contingente das nossas importações.

A poesia autêntica ou pseudo-poesia, entre várias e além do mais, representa uma mensagem e decifrar, que tem direito, como qualquer outra fórmula de pensamento, a gozar do estatuto da livre expressão.

Por conta própria, cada um corre o risco a que se expuser: do ridículo à consagração.

O bom-gosto e o mau-gosto só são distinguíveis quando manifestos.

Até lá, tudo é marasmo ou apatia, aparentes ou reais.

J. C. Viegas

Universidade de Évora alarga o leque de licenciaturas

(continuação da pág. 1)

este despacho um outro similar incidisse sobre a Universidade do Algarve, que aguarda (até quando?) providencial implementação.

Costuma-se dizer que mais vale tarde que nunca, no entanto, em relação a este candente problema que há tanto se arrasta, resta-nos por agora esperar que não tarde em demasia.

Aplicação da Lei das Bases da Reforma Agrária

(continuação da pág. 1)

ram oportunamente avisadas para procederem à sua entrega.

Assim, o Secretário de Estado da Estruturação Agrária reuniu durante a manhã do dia 9, com as referidas entidades colectivas, solicitando a sua colaboração na execução do cumprimento da Lei, não devendo assim resistir à aplicação dessas decisões.

Em breve, o MAP informará mais pormenorizadamente o grande público sobre os casos em que, de imediato, irá proceder à entrega de terras aos seus legítimos possuidores».

Simpósio Internacional sobre Alfarrobeira no Algarve

(continuação da pág. 1)

minação à frutificação, aproveitamento industrial e possibilidades de utilização como sucedâneo do cacau.

Integrados nos mesmos efectuaram-se visitas a locais considerados dos mais aptos à cultura da alfarrobeira incidindo a maior atenção sobre o facto de estarem neste momento a ser substituídos muitos alfarrobeais, por culturas tidas por mais rentáveis.

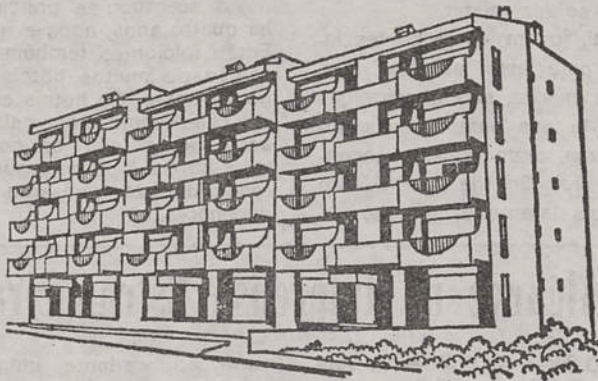
Na fase final do simpósio, foram tratados problemas ligados à transformação da alfarroba pelo processo de bioconversão (fermentação), com vistas à obtenção de proteínas celulares, álcool e outros achados de alto valor industrial.

Segundo aventaram os participantes, estes aproveitamentos tornam-se mais rendosos do que a tradicional utilização da alfarroba para fabrico de farinha para rações.

É admissível que uma nova alternativa para a alfarroba esteja agora em preparo, e que lhe conceda, para além da sua vocação clássica, novas perspectivas de industrialização adequadamente compensadoras.

Se na prática isto se confirmar é de esperar que os actuais alfarrobeais sejam poupados ao abate e possam prestar, através de novas aptidões, uma achega importante na economia agrária.

na praia de QUARTEIRA



APARTAMENTOS TORRE D'ÁGUA

JUNTO AO NOVO DEPÓSITO DE ÁGUA
APARTAMENTOS PRONTOS A HABITAR
APROVEITE AGORA A ISENÇÃO DA SISA

VISITE NO LOCAL O APARTAMENTO MODELO
Dias úteis: das 11 às 13 e das 15 às 19 horas
Sábados e Domingos: das 10 às 13 e das 15 às 19 horas

Sociedade de Construções do Corgo, Lda.

TRATA: EMACO

R. Viriato, 25-5.º — Telef. 53 90 16/7 — LISBOA
Telef. do local de vendas: 00 89/6 56 43

VOZ ÍNTIMA

Crónica de
Luís Monteiro
Pereira

UM PAÍS DE «HERÓIS»

«Amor, trabalho e sabedoria são as fontes da nossa vida. Deviam também governá-la» do livro de Wilhelm Reich, «Escuta, Zé Ninguém!»

Depois de uma contemplação atenta à mais diabólica e estranha tormenta de vento leste que até hoje se viu na política da nossa sociedade, convém falar a todos amigavelmente e com poucas palavras que começámos a usar os remédios que em outros tempos se usou. É que a memória dos Portugueses é curta, mas a velha lição da História repete-se e reflecte a nossa imagem sempre que nos ajoelhamos, a pedir a Nosso Senhor e a Sua Mãe Santíssima que nos livre de tamanhos trabalhos e perigos.

Já Eça, falara da arte da palavra, dos arrepios e defeitos da sociedade, da colecção apreciável de mandarins, das nortadas de medo, dos próprios figurantes que crescem em épocas de crise. E a verdade é que o mar em popa que nos desmanchou o leme é o mesmo que nos dificultou a chegada à Índia: o mar dos piratas, dos conselhos adamastores, dos requerimentos de Baco, da fúria e da tormenta.

Contudo, pelo exemplo da nossa vida, da nossa dependência, do nosso carácter submisso, sedento de justiça e rectidão, talvez encontremos um refúgio no crescer da onda dos interesses materiais, pois temos sido grandes nacionalizadores das ideias dos outros.

Também Camões, com seu rosto fino riscado de lágrimas foi vítima das glórias lusitanas ao morrer de fome amparado pelo seu criado Jan. Na originalidade dos nossos voos líricos residem as nossas grandes acções, os nossos empreendimentos, cuja glorificação revela toda a nossa correcção e sentimentalismo que nos definem como heróis. É, porém, no nosso poderoso visualismo que a renovação espiritual e política da Nação se levanta num firme muro impedindo as críticas de alguns. Em Portugal, cresceu o prestígio e a influência, o ardor revolucionário daqueles que nos seus países deram continuidade comunicativa à cobiça e à decadência. A característica mais importante, a que mais devemos apreciar no nosso portuguesismo, é o sermos capazes de escrever nas paredes o nome deste ou daquela político internacional como símbolo de um bom governante, modelo de amor e justiça para desgobernar ou despir ainda mais o nosso pobre povo. O que porventura melhor distingue o desengano dos nossos homens, como se não bastasse o sangue derramado em terras de contrastes e experiências turpíidas é a natureza pagã de alguns baptizados à igreja católica.

Folheando o dicionário da nossa política, os feitos dos lusitanos, que muitos têm por milagrosos, são a abundância e regalos dos secos torres de uma terra estéril que fazem dos homens robustos e dos que mais trabalham neste País, homens de bota cardada que não podem estar doentes porque têm de esperar dois meses para uma consulta, que não podem entrar no talho porque as deliciosas

fatias de bife, a preço do ouro, são apenas para os regalados e mimosos. Rompendo a alma da manhã, as manhas dos ousados aticando o operário põem a pão e a água os seus servos, sem amparo para os seus filhos.

Mas a voga do descabido e a variedade de caminhos rasgados articulam-se em paralelismo e em simetria com as doutrinas da perfeição formal, da oratória evoluida, de homens do século passado que, se vissemos hoje, certamente não resistiriam aos significados dos nossos parágrafos, às nossas comparações tão ajustadas e luminosas e morreriam oportunamente em alguma graça singela muito natural. Temos a propriedade de falar de todas as coisas, aprendemos na escola a Universalidade do mundo, os grandes conhecimentos da História e temos poucos imitadores, pelo contrário, nunca fomos senão imitadores de uma velha Europa emprestada para nos servir de modelo. Pertence-nos um dos primeiros lugares como purismo de língua, desde o homem das brenhas à delicadeza dos distintos que nos recebem sempre humanos deixando-nos a dor da satisfação de uma austeridade necessária, para que amanhã eles continuem a disputar um País num sermão e os nossos filhos cumprindo imediatamente a mesma austeridade que hoje nos é tão popular. Nunca fomos governados pelo amor, pelo trabalho, pela sabedoria, fomos sempre o alimento de um lamentável discurso, de uma fileira de ruas rebentando de gente que se habituou a bater palmas a todos os mandarins. Contudo, no coração sustento a Esperança e a Fé constante.

ABERTURA DE PASSAGENS PARA PEÕES EM LOULÉ

É sabido que o disciplinamento do trânsito não depende tão-só dos condutores de veículos, nem apenas dos seus dotes de intuição e civismo.

Necessário é orientá-los e informá-los com sinais convencionados para que o escoamento do trânsito se processe a contento dos seus utentes, que neste caso são, não só os tripulantes, como os simples transeuntes.

Há que ter em conta que nos locais mais movimentados, com o duplo fim de proporcionar maior segurança e menor perturbação ao tráfego, é sempre aconselhável abrir passagens para peões, os quais aí adquirem, segundo as normas vigentes, o resguardo devido à prioridade que lhe é concedida.

Nos centros urbanos, as passagens de peões tornam-se imperativas, precisamente devido a acentuada densidade populacional.

A sua função, é, entre outras, a de evitar a dispersão e o atravessamento desordenado da via pública, como é óbvio.

Por essa razão, à falta de sinais luminosos (semáforos) ou de sinais, os automobilistas, à sua proximidade, devem abrandar pre-

EM FOCO A AGÊNCIA DE LOULÉ DA C.G.D.C.P.

Para que o serviço seja eficiente não bastam magníficas instalações

A Agência de Loulé da Caixa Geral de Depósitos iniciou a sua actividade em Março de 1920, tendo como gerente o nosso conterrâneo sr. José Assis Ramos Barros (pai do director deste jornal) e como tesoureiro o sr. Alberto Rodrigues Formosinho (também nosso conterrâneo) e ainda mais dois funcionários.

Numa época em que as pessoas estavam habituadas a guardar as notas dentro dos colchões com medo de as confiarem a quem quer que fosse, a Agência de Loulé da Caixa G. Depósitos veio proporcionar aos habitantes da nossa região oportunidades até então desconhecidas: maior segurança contra roubos, incêndios, esquecimentos e ainda uma coisa desconhecida: os juros do dinheiro amealhado fora de casa.

Após alguns anos difíceis, a Caixa começou a inspirar confiança aos depositantes e o seu movimento rapidamente se expandiu, pelo que se tornou necessário abandonar as acanhadas instalações (onde hoje funciona a Biblioteca Municipal) para um

novo e amplo edifício expressamente construído em 1956 e que também viria a tornar-se insuficiente face ao sempre crescente movimento que tem vindo a ser assinalado.

Face a esta circunstância tornou-se imperiosa uma remodelação e ampliação das instalações, cujas obras foram iniciadas há mais de um ano e importam em alguns milhares de contos, o que atesta a relativa grandeza do empreendimento e o apuro dos pormenores que visam proporcionar não só melhores e mais eficientes condições de trabalho para os funcionários que ali prestam serviço mas também, e muito especialmente, maiores comodidades para o público.

Mas esse mesmo público não poderá apreciar as comodidades que lhe proporcionam se tiver que continuar a sujeitar-se às longas e enervantes esperas a que ultimamente se tem sujeito quando recorre aos serviços da Caixa.

Além do conhecimento pessoal do facto, também têm chegado

até nós o eco de reclamações de vários utentes dos serviços da Caixa, que manifestam com mágoa as demoras e preciosas perdas de tempo ali verificadas. Esta dura realidade cria situações bastante desanimadoras devido à circunstância de ser notoriamente insuficiente o número de funcionários que ali prestam serviço e cujo desembaraço é conhecido. Aliás, parece, que estes factos são do conhecimento da administração da Caixa, que, segundo nos consta, já reconheceu a eficiência do ordenamento e distribuição dos vários serviços.

Conclui-se assim que os serviços da Agência de Loulé da C. G. D. C. P. são cada vez mais e em menor escala e o número de empregados é insuficiente para satisfazer, como se impõe, as necessidades e exigências do balcão.

As razões apresentadas como justificação, não pretendemos fazer comentários, embora nos pareça que seriam oportunos.

Assim, resta-nos apelar a quem de direito, para que as novas instalações da Agência da Caixa Geral de Depósitos, em Loulé, a inaugurar muito em breve, segundo julgamos saber, possam vir a ser dotadas do número de funcionários indispensável e suficiente, de modo a demonstrar eficiência e rapidez na execução dos seus serviços e a dar aos seus clientes e público em geral a verdadeira imagem da Instituição que é.

MÚSICA NOVA PRECISA DE APRENDIZES

As bandas de música, tais como quaisquer outras instituições humanas, alicerçam a sua continuidade sobre novas gerações, que se prontificam, na peugada de veneráveis tradições, a pegar no testemunho que lhes cabe por herança.

De momento a Banda Filarmónica Artistas de Minerva, encara muito judiciosamente este imperativo tão necessário à sua sobrevivência, que é o de formar novos executantes de forma a representarem de futuro, condignamente, a agremiação de tão prestigiosa expressão cultural.

Por isso, aceita e admite na aprendizagem da música qualquer jovem vocacionado que pretenda alargar a soma dos seus conhecimentos e cultivar uma das artes mais atraentes e sedutoras.

O saber não ocupa lugar, como diz um velho rifeiro popular, mas o que ele omite é que o saber, não só nobilita quem o possui como também valoriza, pois, por paráfrase, homem sabedor vale por dois.

Demais, sendo a juventude um esteio e garante de continuidade e remocamento é justo que a ele se recorra e para ela se apele quando se faz mister.

Para ti, jovem, se te sentes inclinado para esta excelsa arte, que é a música, não te restrinjas e dirige-te aos ensaios da «Música Nova», onde poderás encontrar a revelação de um talento porventura latente e ignorado.

O Algarve na Imprensa Estrangeira

RADIO TV — SUIÇA — Je vois tout — «Le Portugal à heure des choix...»

— O autor refere-se ao turismo como um dos trunfos importantes para o desenvolvimento do país. Com efeito, Portugal possui 850 km de costas com longas praias de areia, uma paisagem que se vai modificando, desde a abundância de vegetação da Costa Verde até à aridez do Algarve, um tradicional sentido de hospitalidade, num país em condições de poder ser percorrido em automóvel do norte ao sul, num mínimo de tempo.

Para tudo isto é necessário, segundo o autor, que a taxa de câmbio seja favorável, que as estruturas de acolhimento estejam preparadas para receber um turista de massas, que a estabilidade de um regime democrático ga-

O ALGARVE

NA IMPRENSA SUECA

A publicação Aftonbladet, de Estocolmo, circulação 450 000 exemplares, insere um artigo elogiando as belezas naturais do Algarve.

«Algarve — Jardim de Portugal — constitui actualmente uma das grandes destinações turísticas actualmente uma das grandes destinações turísticas da Europa. Portugal, com as praias do Algarve como principal arma, tenta uma luta turística contra o país vizinho, a Espanha. E começa a ser bem sucedido!

A corrente turística da Escandinávia acentuou-se principalmente há quatro anos, após a revolução. Então iniciou-se também a construção de muitos hotéis ao longo da costa. Os hotéis cresceram do chão como cogumelos. Mas actualmente não se constroem mais hotéis... os portugueses têm receio de fazer o mesmo erro dos espanhóis...»

NOTÍCIAS DA AUSTRÁLIA

Por ecos que nos chegam da Austrália, e que muito nos apraz divulgar, foi distinguido, em Sidney, o jovem Carlos Manuel Rodrigues Azevedo, filho dos nossos conterrâneos e dedicados assinantes, sr. Manuel Mateus Azevedo (Lela) e da sr.ª D. Lucília Afonso Azevedo.

Assim, pelo Técnico Colégio, daquela cidade foi atribuído um prémio (cheque de 500 dolrs.) ao referido jovem, por se ter classificado em primeiro lugar. Para o efeito o colégio promoveu uma concorrida festa que emoldurou o acontecimento.

Ao jovem galardoadado e aos seus pais endereçamos as nossas felicitações.

Saída da MÚSICA NOVA a Cartaya

Deslocou-se a Cartaya, Espanha, como é tradicional, a Banda Filarmónica Artistas de Minerva, vulgo «Música Nova», onde permaneceu de 30 de Setembro último a 4 do corrente mês, a fim de participar nas celebrações festas da Senhora «del Rosario».

Durante a sua estadia, a Mú-

sica Nova actuou não só na procissão, como nas alvoradas, concertos nocturnos e touradas, as quais decorreram nos passados dias 1 a 3 (de gala para profissionais, cómico e para amadores).

Igualmente, se exibiu na Feira Agrícola, tendo animado, como é de seu timbre, estes festejos.